

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

PRODUÇÃO DE TEXTO NAS SÉRIES INICIAIS DE ALUNOS DA ESCOLA
MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS

Rosy Meire Aranda Nonato

37:8142
UNEMAT
92569588
C

Pontes e Lacerda – MT, fevereiro/2003

nao

BIB	IO	A
UNEMAT		T
Campus Universitário	Ponte e Lacerda - MT	
RG N.º	9504	
Data	14, 08, 03	

ROSY MEIRE ARANDA NONATO

**PRODUÇÃO DE TEXTO NAS SÉRIES INICIAIS: ALUNOS DA ESCOLA
MUNICIPAL GETÚLIO VARGAS DE NOVA LACERDA**

Ensaio Monográfico apresentado para conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em Letras – UNEMAT
– Campus Universitário de Pontes e Lacerda, sob a
orientação do Professor Ricardo Marques Macedo.

Pontes e Lacerda – MT, fevereiro/2003

Dedico este ensaio monográfico aos meus filhos, Paulo Cesar, Daniela, Alda Aline, Weliton e principalmente ao meu esposo Paulo, que com carinho e amor me incentivaram e souberam entender os momentos de ausência.

Agradeço à meus pais Cristóvam e Alda, que souberam me ensinar a ser persistente e cumpridora de meus deveres. Ao meu orientador Ricardo pelo carinho com que me ajudou neste trabalho e em especial as minhas amigas e companheiras de jornada Heliane e Seila que nos momentos tristes e alegres sempre estiveram junto dando-me total apoio.

*A escrita que parece dever fixar a língua é precisamente o
que a altera, ela não muda suas palavras mas seu
gênio, ela substitui a expressão pela exatidão.*

(Silvain Auroux)

SUMÁRIO

Apresentação	07
Formulando Teorias	08
Pensando o Ensino	13
Relação entre Teoria e Prática	14
Considerações finais	20
Bibliografia	22
Anexos	24

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, procuramos entender como é feito o processo de aquisição da linguagem e escrita em crianças de séries iniciais na escola, sendo nossa principal preocupação sabermos até que ponto a oralidade interfere na escrita, pois percebemos uma certa dificuldade nas crianças desta fase em desenvolver o processo da escrita, queremos então encontrar através das teorias uma forma de trabalhar a produção de textos com essas crianças que ainda não dominam a escrita convencional, sem com isso interferir ou prejudicar o aprendizado dessas crianças.

Tomamos como objeto de estudo alguns textos produzidos por crianças da primeira série, e realizamos entrevistas com professoras destas mesmas séries.

Com o material de estudos em nossas mãos, buscamos apoio em teorias de estudiosos da área entre os quais citamos: Piaget, Vigotsky, Chonsky, Miriam Lemle e principalmente Luiz Carlos Cagliari, teóricos que buscam através de pesquisas conhecer melhor a forma como a criança adquire o conhecimento da linguagem e escrita, e com isso procuram mostrar à escola e aos educadores, enquanto instrumentos de transmissão de conhecimento, um caminho melhor para auxiliar-nos com nossos educandos na aquisição desses conhecimentos.

Nosso objetivo não é apresentar aqui um método de alfabetização, e sim uma maneira de reflexão sobre práticas de produção de textos com crianças em séries iniciais, acreditando poder auxiliar profissionais que ainda possam ter dúvidas a respeito deste problema.

FORMULANDO TEORIAS

Desde que o mundo foi constituído o homem faz parte dele, não se sabe exatamente onde e quando os primatas apareceram, sabe-se que desde de que vive nas cavernas o homem procura dominar o mundo, por ser o único ser vivo dotado de inteligência, na necessidade de interagir passa a emitir sons e gestos que caracterizam as primeiras tentativas na produção da linguagem.

A linguagem é uma atividade espiritual, própria do ser humano que permite exprimir suas idéias e sentimentos por meio de sinais falados, apenas a raça humana tem esse privilégio, sendo os únicos que empregam palavras para comunicar-se e ao fazer uso da linguagem o homem usufrui de algo que lhe é dado por natureza, na tentativa de sobrevivência o homem procura interagir e nessa tentativa busca a coletividade.

O homem não vive só, ele precisa viver em sociedade, Fischer afirma que:

É em grupo que o homem conhece a natureza e aprende a dominá-la e apropriar-se dela(...) Produz bens sociais, econômicos, e culturais indispensáveis à evolução de existência. (Fischer in MOLL, 1996: 63).

De acordo com Silvio Elia (2000:33), a **linguagem é uma criação da inteligência humana**. (Silvio Elia apud Andrade)

O mais prático, sem dúvida, por muitos motivos é o som articulado, e por isso, a linguagem oral é de fato, a linguagem sem adjetivos. Daí dizer-se, em sentido restrito que a linguagem é a manifestação do pensamento e dos estados da alma por meio de sinais auditivos ou fonemas.

Porém, a fala não basta, o homem vê a necessidade de perpetuar sua história, comunicar seus sentidos e diante disso surge a escrita. Há milhares de anos foram encontrados os primeiros espécimes de escrita que se tem conhecimento e foi descoberto nas paredes pré históricas, composto unicamente de desenhos de animais, esses desenhos provavelmente representavam a lista de animais mortos ou mesmo mensagens aos deuses.

Sabe-se que no princípio os desenhos não tinham relação com a fala e esses desenhos das cavernas ainda não tinham sido concebidos com intenção de “escrever”, é certo que os primeiros espécimes de escrita foram pictográfico, isto é composto de imagens.

... aqui

Segundo Cagliari (1989) a escrita é uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, científica, política e cultural dos povos.

Na idade antiga a escrita surgiu com a necessidade dos povos sumérios registrar a contabilidade dos templos. A partir do ano 3000a.C., a escrita Suméria passou a ser utilizada não só na contabilidade dos templos, mas também nos registros de textos religiosos, literários e de algumas normas jurídicas. A invenção do alfabeto foi a etapa mais importante na história da escrita, devemos-la aos fenícios que simplificaram a maneira de escrever usando um pequeno número de sinais, pouco mais de 20, os quais representavam não uma idéia mas um simples som emitido pela boca.

Os inventores do alfabeto utilizavam-no apenas para escrever coisas simples, nomes de pessoas, listas de mercadorias ou orações aos deuses. Os gregos, porém, escreveram cânticos, histórias e poemas.

Com o alfabeto surgiu, então, valores sonoros convencionais e estáveis, que estabeleceram correspondência entre palavras, signos e sentidos. *O alfabeto conquistou a civilização e espalhou-se pelo planeta.* (MOLL apud Barbosa, 1996: 65).

A linguagem é concebida como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e / ou comportamentos que levam a estabelecer vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. *Trata-se de um jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo.* (W. Geraldi, 1991:43).

Ao se falar em linguagem fazemos logo referência a língua escrita, e os estudos da linguagem.

Essa questão da oralidade e da escrita já aparecem na origem da ciência lingüística. Na distinção de língua e fala Saussure propõe que:

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente: não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...) a fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º as combinações pela qual o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações. (Saussure, apud A. R Lusia 1991:78)

E ao falar da unidade da língua ele coloca:

Vê-se, pois, que nos sistemas semiológicos, como a língua, nos quais os elementos se mantêm reciprocamente em equilíbrio, de acordo com as regras determinadas, a noção de identidade se confunde com a de valor, e reciprocamente. Eis porque, em

definitivo, a noção de valor recobre as de unidade, de entidade concreta e de realidade.

Desta forma Saussure estabelece uma dicotomia (fala/ língua) situando tanto a oralidade quanto a escrita, no universo da fala.

A linguagem da criança foi sempre motivo de especulações pelos estudiosos no assunto. Foi a partir dos trabalhos do lingüista Noam Chomsky no final da década de 1950 que estes estudos tiveram um grande impulso. Na visão do lingüista,

A criança, que é exposta normalmente a uma fala precária, fragmentada, cheia de frases truncadas ou incompletas, é capaz de dominar um conjunto complexo de regras ou princípios básicos que constituem a gramática internalizada do falante.

isto é, gera uma gramática específica da língua nativa da criança.

As habilidades comunicativas da criança variam de acordo com o meio social a que ela pertence e vive.

Terzi defende que: *A criança que vem de um ambiente em eventos de letramento resultam em maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e consequentemente maior sucesso nas primeiras séries escolares.* (KLEIMAN apud Terzi, 1995: 93).

Embasados nesta teoria podemos afirmar que uma criança que tem um contato maior com os livros antes de ir para a escola sem duvida terá maior facilidade em entender as atividades propostas a ela pela escola, o que facilitará a aprendizagem.

Na visão de Piaget a aquisição da linguagem pela criança é feita através da abordagem chamada de cognitivismo construtivista ou epigenético, no qual a criança desenvolve através das experiências do indivíduo, desta forma cada pessoa tem seu jeito próprio e individual de aprender.

Diferentemente de Piaget a visão Vigotskiana é de que a linguagem é trazida pelo que chama de internalização da ação e do diálogo. Segundo esta visão a aquisição da linguagem é um processo pelo qual a criança se firma como sujeito da linguagem e constrói ao mesmo tempo seu conhecimento de mundo, passando pelo outro.

Essa forma de conhecimento é chamada de interacionismo social, na qual a criança aprende através do convívio com outras pessoas e da troca de conhecimentos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: *A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela* (1997:26). Singularidades presentes nas

características de cultura, de etnias, de regiões, de famílias, são de fato percebidos com mais clareza quando colocadas junto a outras. A percepção de cada um individualmente elabora-se com maior precisão graças ao outro, que se coloca como limite e possibilidade.

Sabemos que, quando vai para escola, a criança já percorreu um longo caminho elaborando sua linguagem, inserindo-se na língua de sua comunidade, e se encontra perfeitamente apta para falar a língua materna e continua a aprender outras formas pertencentes a outras modalidades da fala / linguagem, dentro e fora da escola. A escola vai proporcionar-lhe, portanto o acesso a outras “gramáticas”.

Podemos perceber claramente esta característica na afirmação de Lemos que diz: *É fato que se aprende a fala em casa e fora dela e nem sempre se aprende a ler e escrever na escola.* (Lemos, 1985:52).

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar, pois, como já vimos anteriormente isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar e quando a escola tentou ensinar foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala *errada* dos alunos.

A alfabetização é o momento mais importante na vida escolar da criança e um dos maiores problemas para os professores que acham que o conhecimento é colocado na cabeça dos alunos e desconhecem alguns conceitos básicos de aprendizado.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação as falas dialetais, deve ser enfrentada na escola como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito a diferença.

A escola precisa livrar-se de alguns mitos: O de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (P.C.N. 1997: 31).

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual a forma de fala utilizar.

Para a teórica Míriam Lemle (1997:38), *uma criança ao iniciar sua vida escolar não compreende que os risquinhos pretos em uma página de papel branco, significam símbolos dos sons da fala, e a criança que ainda não consegue diferenciar a relação simbólica entre dois objetos, não consegue aprender a ler.*

Desta forma, essa afirmação nos leva a crer que um professor de alfabetização deva trabalhar segundo as perspectiva lingüística indo além das preocupações gráficas.

Aprender ler e escrever não significa apenas decodificar ou codificar símbolos, nomes ou objetos, outra coisa importantíssima é saber que os supostos *erros* são sempre sistemáticos, regulares, constituem de fato regras gramaticais.

Ninguém “erra” porque quer ou porque é “burro”: a pessoa simplesmente obedece regras gramaticais próprias da variedade de língua que é dela. (Bagno, 2001:37), o autor acrescenta ainda que uma pessoa que convive no meio rural ou sem escolaridade que pronunciam *broco, pranta, ingreis* (palavras que os falantes cultos pronunciam *bloco, planta, inglês*) realizam esta pronúncia sistematicamente, isto é, sempre iram trocar o (l) pelo (r) pois na gramática da língua deles não existe encontro consonantal com (l).

Essas diferenças é que levam-nos a acreditar que pessoas sem instrução falam tudo errado. E quando se fala em *erro*, pensa-se que a pessoa erra porque quer ou por preguiça, falta de inteligência ou por pura teimosia, segundo Bagno essa é uma visão extremamente preconceituosa e desinformada dos fenômenos da linguagem.

Possenti (2000:33) afirma que: *não existe um língua que seja uniforme*, assim sendo toda e qualquer língua tem variações, não existe nenhuma sociedade na qual falem da mesma forma.

Só se pode considerar erro aquilo que comprometa a comunicação entre os interlocutores. É preciso estarmos conscientes disso para nos livrarmos do preconceito de que a língua falada por pessoas sem instrução seja incoerente, desconexa, ilógica etc.

A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo da aprendizagem. Compreendendo a atual relação entre a aquisição das capacidades de redigir e grafar rompendo com a crença arraigada de que o domínio do bê-a-bá seja pré-requisito para o início do ensino de língua.

Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade, sobretudo depende de a escola ensinar-lhes os usos da língua adequados as diferentes situações comunicativas.

PENSANDO O ENSINO

Segundo a teoria inatista, adotada por Chomsky, a linguagem é adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato. Isto é, os inatistas consideram que as pessoas já nascem com características pré-estabelecidas, como a inteligência e o estado emocional.

A relação entre a língua e os outros sistemas cognitivos, como a percepção, a memória, e a inteligência é indireta a aquisição da linguagem ou o desencadeamento da Gramática Universal junto com a fixação de parâmetros não depende, necessariamente de outros módulos cognitivos muito menos de interação social.

Vygotsky, no entanto, posiciona-se contrário a essas teorias, em sua visão ninguém nasce pronto e nem é cópia do ambiente; Para ele o homem em sua relação intelectual está em constante interação entre os processos internos e a influência do mundo social.

Em contraposição ao modelo inatista a aquisição da linguagem é vista como resultado da interação entre o ambiente e o organismo.

Podemos perceber nos estudos das teorias que Kleiman concorda plenamente com Vygotsky quando se trata do meio social, pois, segundo a autora, a criança que vive em um ambiente no qual os pais possuem um grau de letramento, conseqüentemente, terá maior sucesso em seu período de alfabetização.

Cagliari afirma que, uma criança que viu desde cedo a casa cheia de livros, jornais, e ouviu histórias, enfim que conviveu com pessoas lendo, escrevendo, quando entra na escola achará normal e lógico o que nela se faz, pois é a continuação de seu modo de vida.

Portanto, toda educação comprometida verdadeiramente com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais. Para isso, é essencial que o professor respeite e dê valor à historicidade do aluno.

RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Para uma análise da relação Teoria x Prática nas escolas, teremos como base as respostas aplicadas a 3 professores das séries iniciais de uma escola municipal em Nova Lacerda, sendo que os mesmos possuem o magistério e estão em processo de formação universitária.

A finalidade do questionário é verificar se a prática educacional está de acordo com as teorias, pois sabemos que os problemas envolvendo o ensino da língua portuguesa, principalmente em séries iniciais é um assunto muito debatido em nível nacional e as conclusões que se chegam é que professores, ainda em formação não conhecem totalmente a ciência da linguagem, e conseqüentemente julgam mal seus alunos dizendo que os mesmos falam “errado”, isso acontece porque esses professores ainda não estabeleceram com clareza a diferença que há entre língua falada e língua escrita.

As professoras entrevistadas serão identificadas como professoras A., C. e D.

Utilizaremos ainda alguns textos de crianças que estão cursando as séries iniciais.

A partir do questionário podemos obter as seguintes informações:

- Pergunta nº 1- Você acha que meio social em que a criança vive interfere em sua aprendizagem?
 - Professora “A”. – “Apesar de que a criança tem sua própria personalidade, o meio social em que está inserida tem grande influência em sua aprendizagem”.
 - Professora “C”. – “Na maioria das vezes sim, pois a criança que cresce convivendo com a leitura a tecnologia e outros recursos, certamente ela terá um aprendizado maior”.
 - Professora “D”. – “Sim”.

Percebe-se através das respostas da questão nº 1, que todas as professoras concordam que o meio social interfere na aprendizagem da criança e que o mesmo pode tanto valorizar quanto atrapalhar o desenvolvimento da criança durante a alfabetização.

Questão nº 2: Durante a alfabetização, qual é o método que você usa para trabalhar a escrita com seus alunos?

A professora “A”- respondeu que durante as atividades em sala faz registros no quadro mostrando assim a importância da escrita, utiliza ainda de ditados e de cópias.

O que percebemos com a resposta da professora “A” é que esta se preocupa muito com a ortografia dos alunos, fazendo-os copiar da cartilha e do quadro. Dessa forma, o aluno está coagido a escrever “certo”.

Na resposta da professora “C” vemos que a mesma trabalha com produções de textos e leituras de frases a partir de gravuras, cartazes e outros.

A professora supra citada busca a relação da leitura com a produção do aluno, trabalhando com gravuras e cartazes, proporcionando mais liberdade do aluno para criar seus textos, de forma a facilitar o aprendizado tanto da leitura quanto da escrita, sendo que, na visão da professora a escrita surge junto com a leitura.

Isso pode ser confirmado por Cagliari, no momento em que este afirma que:

Uma criança que aprende a ler toma velocidade, no aprendizado da primeira série. Um aluno que não lê aprenderá o texto com dificuldade, pode passar a ter uma relação delicada com a escrita, não entendendo bem o que isto é, nem como funcionam (Cagliari; 1997:26).

Já a professora “D”, diz que usa de vários métodos para trabalhar a escrita, como objetos, desenhos, música, no entanto, acredita que a melhor forma é: **pegando na mão da criança**, pois assim transmite muita segurança.

De acordo com Cagliari, esse método usado pela professora “D” pode impedir o aluno de escrever da forma que lhe interessa, e isso pode até mesmo colocar o aluno em situações complicadas na produção de textos escritos.

Segundo ele a melhor forma de se alfabetizar é dando liberdade e incentivando o aluno a produzir da maneira que achar melhor usando espontaneamente a língua que sabe, como podemos ver na citação abaixo:

Deixar que os alunos escrevam redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se auto corrigir com relação a ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para a escrita. Essa é a melhor forma de valorizar as atividades dos alunos (Cagliari, 1997:28).

As pesquisas na área da aprendizagem da escrita nos mostram que é possível saber produzir textos sem saber grafá-los e é possível grafar sem saber produzir e que o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela própria escrita.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o conhecimento a respeito de questões dessa natureza tem implicações radicais na didática da alfabetização e a principal delas é que

não se deve ensinar a escrever por meio de práticas centradas apenas na codificação de sons em letras. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever.

Na pergunta nº 3, cujo objetivo era ver se a oralidade interfere na escrita, obtivemos as seguintes respostas.

A professora “A”- diz que não desde que o professor utilize esses momentos para interferir no processo de desenvolvimento da criança .

O que se pode verificar na resposta da professora é que se o professor interferir, não deixando o aluno escrever como fala, naturalmente isso não interferirá na escrita, mas desta forma pode estar podando a aprendizagem do aluno de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, não existe uma forma certa de falar:

Tentar consertar o aluno poderá ser uma mutilação cultural que além de desvalorizar a forma de falar do aluno, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos. (P.C.N, 1997: 66)

A questão não é de correção da forma, de sua adequação as circunstâncias de uso.

A professora “C” concorda que a oralidade interfere na escrita e que pode estimular e dar maior confiança e liberdade ao aluno, conforme podemos confirmar nas palavras da professora *Sim, de uma forma estimuladora, dando maior confiança e liberdade.*

Cagliari diz que :

Essa capacidade para pensar a forma escrita em relação a fala é muito mais ativa nas crianças do que nos adultos(..) mas as crianças fazem justamente o contrário: pensam mais na forma como falam do que na maneira ortográfica de escrever (Cagliari 1997: 32).

Entendemos, então nesta citação de Cagliari, que a criança ao escrever pensa e escreve como fala, mesmo porque ela ainda não tem noção de Gramática Normativa, é o som que comanda. A criança “erra” a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética.

Para confirmar nossa indagação passamos agora a observar os textos escritos pelas crianças das primeiras séries. O primeiro texto ditado pela professora:

*O caracou Viajãote
rodoufo é um caracou
Ele adora viajar
rodoufo ãoda devagar.
Ele naotenprssa de chegar
rodoufo léva acaza nas costa.
A barriga vai no chão.*

*A cabeça vai no ar.
 rodolfo vive sempre satisfeito.
 Eli nãmuten alugou pra pagar.
 Weliton-8 anos*

Texto original:

O caracol viajante

Rodolfo é um caracol
 Ele adora viajar
 Rodolfo anda de vagar
 Ele não tem pressa de chegar.
 Rodolfo leva a casa nas costas.
 A barriga vai no chão.
 A cabeça vai no ar.
 Rodolfo vive sempre satisfeito.
 Ele não tem aluguel pra pagar.
 (Alfabetização construtivista, 1995:15).

Neste texto utilizaremos como exemplo as palavras caracol, Rodolfo e aluguel, todas estas palavras são escritas com L, mas foram transcritas pelo aluno com U.

De acordo com a pronúncia, a criança não escreveu de forma errada, pois o som ouvido é [u] e não [l]. Entendemos então que a criança ainda terá muitas dificuldades para entender que a forma como a palavra foi escrita está errada, perante a norma padrão da língua portuguesa, essa mesma criança ao aprender o alfabeto, aprendeu a pronunciar a letra L como (éle), como explicar agora o som de [u] nessas palavras?

A seguir veremos outras dificuldades semelhantes nas cartinhas que recebi de alunos das mesmas séries iniciais das quais sou professora de inglês.

Primeira carta

Professora Rose voce para mim foi otima é um boa professora voce e muito bunita eu gostu muito de voce obrigadu.

Destacamos aqui as palavras:

bunita = bonita, gostu = gosto, muito = muito.

Na cartinha do Leonildo observamos a troca do [e] pelo [i] na palavra ti = te, e ainda a palavra melior = melhor, onde o aluno escreve li no lugar de lh. Vejamos:

Rose você é a melhor professora do mundo.

Eu vou mandar um versu para você Rose

Com a escrevo amor

Com p escrevo paixão

Com R escrevo Rose no fundo do meu coração.

ass: Leonildo o que senpre ti ama.

De acordo com Cagliari, é natural que falantes de variedades diferentes usem recursos alfabéticos diferentes para adivinhar a maneira de escrever palavras cujas forma ortográficas corretas desconhecem. Outra coisa importantíssima é saber que os supostos “erros” são sempre sistemáticos isso é, esses “erros” seguem uma lógica, são regulares, constituem regras gramaticais, a pessoa simplesmente obedece regras gramaticais próprias da variedade de língua que é dela.

Outro exemplo vemos na cartinha a seguir:

Profesoura você é bonita e muito

boa para mi profesoura eu ciria

você foce minha mãe profesoura.

Edriana

Observamos neste texto que a criança tem dificuldades com os encontros consonantais ou sílabas complexas, isto não significa erro e é possível o que se fala com i ser escrito em português com i, e, lh e nh.

Exemplo: vive = vivi, palha = paia, banho = bãio. A criança percebe isto, e a prova é que logo nos primeiros contatos com a escrita escrevem qualquer coisa, utilizando-se dos recursos do próprio sistema da escrita da língua e ignorando a forma ortográfica. Segundo Cagliari, nestes casos a criança fez uso indevido das “letras”, e que esse uso é possível dentro do sistema.

Diante dessas evidências nos questionamos, como poderiam essas crianças que estão iniciando produzir textos sem os “erros” diante de tanta complicação gramatical? Com certeza é impossível decorar tantas regras, pois, mesmo nós que somos representantes da classe culta ainda nos confundimos com os sons e sempre nos deparamos com dúvidas para escrever algumas palavras com x = ss, s = x, imaginem para quem esta iniciando.

A respeito disso temos a afirmação de Cagliari de que; *Os erros dos alunos revelam uma reflexão sobre o uso linguístico da escrita e da fala.* E que a escola critica injustamente o

aluno quando diz que ele erra porque é distraído, incapaz de aprender e se concentrar no que faz.

Segundo o autor a criança faz relação entre a fala e a escrita a todo momento e sussurram os sons porque não conhecem a ortografia.

Evidentemente, que isto provoca uma confusão muito grande na criança. Devemos então, motivá-las e incentivá-las dando a elas o tempo necessário para que adquiram maior conhecimento e possam se autocorrigir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de nosso trabalho, e após analisar as teorias, textos e as respostas do questionário, pudemos confirmar a influência significativa da oralidade na escrita.

Entendemos que a criança que está iniciando seus estudos comete “erros” por ter dificuldades em distinguir as diferenças da escrita enquanto representação da fala.

Quanto ao nosso questionamento sobre como trabalhar a produção de textos nas séries iniciais, o que pudemos verificar a partir das teorias é que devemos dar liberdade para que a criança produza da forma como desejar, sem interferir deixando que a criança experimente como escrever as letras, sem se preocupar em ensinar a gramática ou a forma ortográfica, pois isso poderá ocasionar um bloqueio em suas atividades, impedindo de escrever o que acha o que deve e como gostaria.

De acordo com nossa pesquisa pudemos observar que as professoras entrevistadas estão de acordo com as teorias, pois acreditam que o meio em que a criança vive e a interação social interfere em sua aprendizagem, quanto à metodologia usada percebemos que apesar das professoras estarem ainda apegadas ao método tradicional existe uma certa preocupação em mudanças, buscando a cada dia o aperfeiçoamento para entender melhor os educandos e sua realidade de vida.

Segundo as teorias por nós estudadas, deixar o aluno escrever espontaneamente e apostar em sua capacidade de produzir sem dar muita atenção aos erros ortográficos poderá estimulá-lo.

Isso não significa que a criança não precise aprender a ortografia, mas que seja na medida certa e no momento oportuno.

Valorizar as atividades das crianças é a melhor forma de construir conhecimentos. Essa preocupação deve ser fundamental para os professores, os quais devem estar atentos a evolução da educação, repensando sobre as teorias, respeitando e valorizando a diversidade cultural dos seus alunos, evitando assim o preconceito e a mutilação cultural da criança.

No que se refere à aquisição da linguagem acreditamos assim como Vigotsky que a linguagem é interacionista, pois a criança adquire o conhecimento a partir do momento em que convive com ele, sendo a linguagem a constituição da própria espécie humana, já que o

homem não é isolável, consideramos a linguagem como uma relação necessária entre homem e realidade natural e social.

Sendo assim, as pessoas se entendem porque falam da maneira como seu semelhante fala, constituindo assim um fato social de interação.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Assis, Nova Enciclopédia Ginásial Ilustrada, Dispal, São Paulo 1985.

A.R, Lusía, *A atividade consciente do homem e suas raízes histórico sociais* 2 ed. *Civilização Brasileira* 1991.

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro?* um convite à pesquisa. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GERALDI, João Vanderley. *O Texto na Sala de Aula: leitura e produção*. 3 ed. Cascavel: Assoeste, 1985.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico da Alfabetização*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO (1997) - *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa*. Vol. 2. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília/DF.

MOLL, Jaqueline. *Alfabetização Possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Pará: Meditação. 1996

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura: passando a limpo*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes. 1996.

POSSENTE, Sirio. *Pôr que (não) ensinar gramática na escola*. 6 ed. Campinas/SP: Mercado de letras, 2000.

Anexo

Entrevistas

PROFESSORA A:

1) Você acha que o meio social em que a criança vive interfere em sua aprendizagem?

R: Apesar de que a criança tem a sua própria personalidade o meio social em que a criança esta inserida tem grande influencia em sua aprendizagem.

2) Durante a alfabetização, qual é o método que você usa para trabalhar a escrita com seus alunos?

R: Durante todas as atividades em sala de aula, é registro no quadro demonstrando aos alunos a importância da escrita.

Ditado é muito bom para exercitar a escrita e diversas copias também é utilizada.

3) Em sua opinião, a oralidade interfere na escrita durante a alfabetização?

R: Não, desde que o professor possa utilizar desses momentos procurando interferir o processo de desenvolvimento oralidade – escrita, analisando fatores que envolve as diferenças sócio histórico e cultural de um indivíduo.

PROFESSORA C:

1) Você acha que o meio social em que a criança vive interfere em sua aprendizagem?

R: Na maioria das vezes sim, pois a criança que cresce convivendo com a leitura, a tecnologia e outros recursos, certamente ela terá um aprendizado maior.

2) Durante a alfabetização, qual é o método que você usa para trabalhar a escrita com seus alunos?

R: Através de leitura, produção de textos e frases a partir de gravuras, cartazes e outros materiais concretos.

3) Em sua opinião, a oralidade interfere na escrita durante a alfabetização?

R: Sim, de uma forma estimuladora, dando maior confiança e liberdade.

PROFESSORA D:

1) Você acha que o meio social em que a criança vive interfere em sua aprendizagem?

R: Sim.

2) Durante a alfabetização, qual é o método que você usa para trabalhar a escrita com seus alunos?

R: Na alfabetização eu uso vários métodos para trabalhar a escrita, como objetos, desenhos, música. Mas o método melhor é você pegar na mão da criança pois transmite muita segurança.

3) Em sua opinião, a oralidade interfere na escrita durante a alfabetização?

R: Sim.

ditado

O coracao vai at

rodolfo e um coracao

Ele adora viajar

rodolfo anda devagar

Ele nunca para de chegar

rodolfo leva a cargo na escola

A professora vai na chao

A professora vai na cor

rodolfo vive sempre no tinteiro

Ele nunca funciona para pagar
Wilton - 8

O coracao vai at
rodolfo e um coracao

Ele adora viajar

rodolfo anda devagar

Ele nunca para de chegar

rodolfo leva a casa nos coes

A professora vai na chao

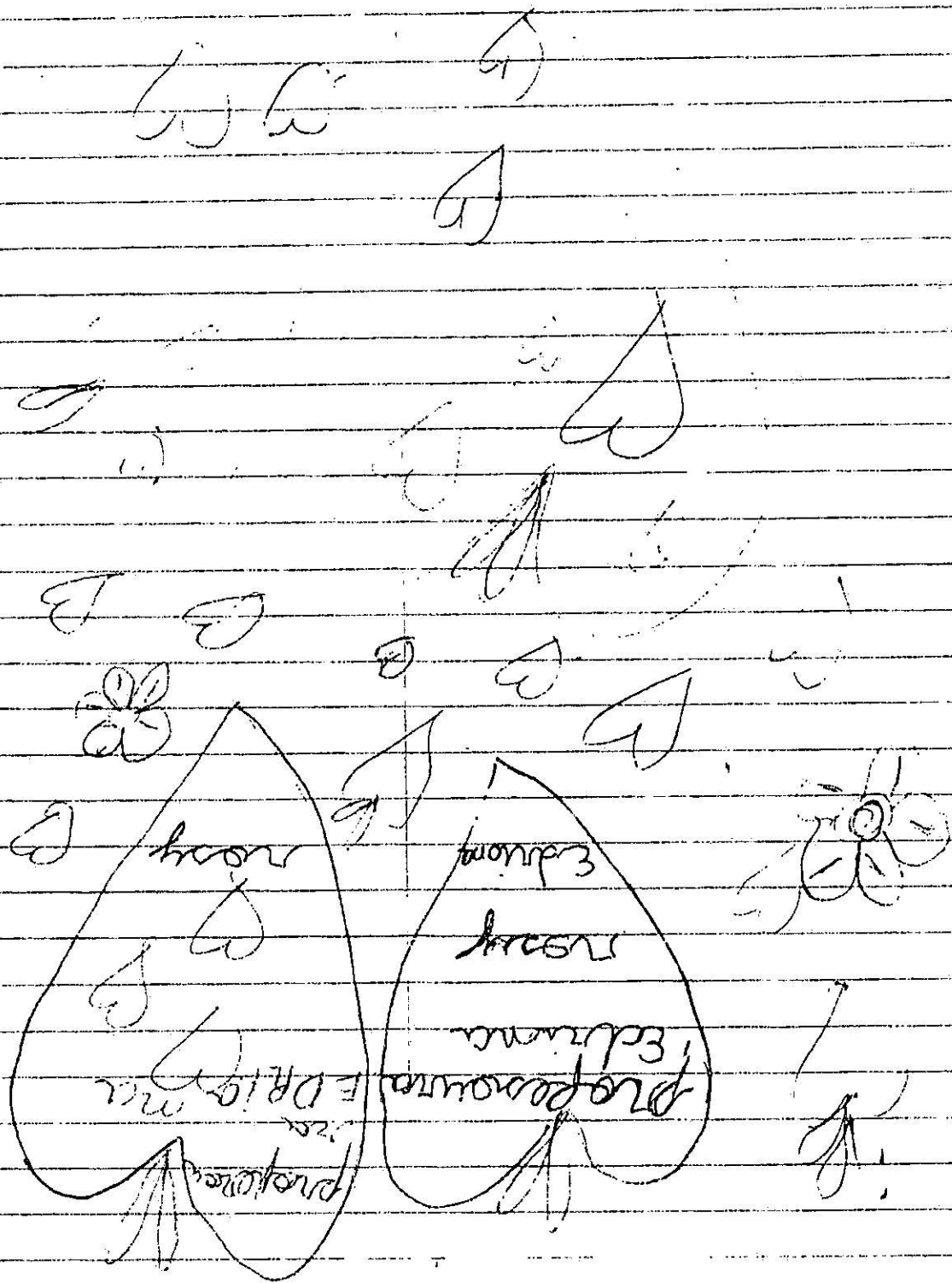
A professora vai na cor

rodolfo vive sempre no tinteiro

Ele nunca tem dinheiro para pagar

(Alfabetização Construtivista, P.15)

professora Néci é bonita e muito
 boa para mim professora eu sinto
 que sou muito mais professora
 Edliana



P/ Pó de mante

Para obter a melhor
proporção de fundo
em sua mandala um
velho para
ver o lado

Com a estufa com
em p. e a estufa para
com a estufa para
de fundo de man
coração

com: fornecido a que
sempre a amei

Professora Rose voce é a
mim foi ótima e um boa
Professora voce é muito
bomita eu gostei muito de
voce obrigada

versom

La a tras da minha casa
temu se de algo co xi mangê
toma cuidado que de noite
e no fugir

Professora Rose
amada: Patricia